

Microagressões raciais, poder e privilégio nas bibliotecas: *uma análise dos discursos no The Microaggressions Project e Microaggressions in Librarianship*

**Racial microaggressions, power and privilege in libraries: an analysis of
discourses in The Microaggressions Project and Microaggressions in
Librarianship**

Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva  

Dirnéle Carneiro Garcez   

Gabriel de Melo Viana 

Priscila Rufino Fevrier   

Nathália Lima Romeiro   

Ana Paula Meneses Alves   

Resumo

Este artigo parte da seguinte questão: *De que forma as microagressões raciais se manifestam nas bibliotecas?* O objetivo geral é compreender como as microagressões raciais se manifestam nas bibliotecas, a partir dos depoimentos analisados no *The Microaggressions Project* (TMP) e o *Microaggressions in Librarianship* (ML). Este objetivo se desdobra em objetivos específicos, os quais buscam: a) conceituar as microagressões, características e suas esferas e; b) analisar, a partir dos depoimentos coletados no TMP e ML, como as microagressões raciais se concretizam nas bibliotecas e nos discursos de pessoas bibliotecárias. No plano metodológico, trata-se de pesquisa qualitativa de cunho documental, bibliográfica, exploratória e descritiva dividida em três etapas: revisão de literatura, extração de amostra de publicações que se referiam a microagressões raciais e análise das publicações nos perfis no Trumblr do TMP e ML.

Palavras-chave: microagressão racial; biblioteca; biblioteconomia; bibliotecários; epistemologia.



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 27-54, maio/ago. 2023. ISSN 2447-0120. DOI 10.56837/fr.2023.v9.n2.983.

Abstract

This article starts from the following question: How are racial microaggressions manifested in libraries? The general objective is to understand how racial microaggressions manifest themselves in libraries, based on the testimonies analyzed in The Microaggressions Project (TMP) and Microaggressions in Librarianship (ML). This objective unfolds into specific objectives, which seek to: a) conceptualize microaggressions, characteristics and their spheres and b) to analyze, from the testimonies collected in the TMP and ML, how racial microaggressions materialize in libraries and in the speeches of librarians. At the methodological level, it is a qualitative documental, bibliographical, exploratory and descriptive research divided into three stages: literature review, extraction of a sample of publications that referred to racial microaggressions and analysis of publications in the profiles on Trumblr TMP's and ML.

Keywords: racial microaggression; library; librarianship; librarians; epistemology.

1 Introdução

Historicamente, a sociedade brasileira foi construída por um processo de colonização europeia, a qual tentou catequizar e escravizar povos originários do sul global, e quando não conseguiu, trouxe mão de obra escravizada do continente africano para solidificar a economia e desenvolver as colônias. Nessa construção, as mais diversas formas de violência foram usadas contra populações indígenas e africanas unidas à exclusão de suas memórias e de seus elementos históricos, sociais e culturais.

Desde essa época, as relações sociais passaram a ser demarcadas por tensões raciais em diversos contextos e esferas das sociedades ocidentais, inicialmente pelo proto-racismo (Isaac, 2006) e, na contemporaneidade, pelo racismo e suas facetas (Almeida, 2019; Bonilla-Silva, 2020; Campos, 2017). O racismo e a ideologia de raça são combustíveis que mantêm o capitalismo racial (Robinson, 2000) em desenvolvimento, via exploração de mão de obra negra e periférica e desapropriação de terras indígenas e quilombolas para exploração pelo agronegócio (Souza; Chaveiro, 2019). Essa agudização da exploração via recorte étnico-racial, quando não explora, submete corpos negros e indígenas à pobreza, ao cárcere e/ou à necropolítica (Mbembe, 2016) do Estado.

Entretanto, o racismo não é a única violência usada para oprimir, controlar e explorar as populações negras em sociedades ocidentais racializadas, há ainda a branquitude e sua fragilidade branca (Di Angelo, 2018), o mito da meritocracia, a falácia da democracia racial, o ideal de branqueamento, e a evasão da cor (Annamma; Jackson; Morrison, 2017) todos utilizados como instrumentos de poder racial (Silva, 2020) para expropriação de bens epistêmicos, simbólicos e materiais, ausências de representatividade e fragilização da identidade de povos de origem africana e indígena nas sociedades. No cotidiano, essas violências

raciais se aprofundam e se manifestam, às vezes em formas “sutis” de preconceito com as chamadas *microagressões raciais*, outras de forma sistêmica e ordenada de exclusão e injustiças raciais.

Embora as microagressões sejam discutidas em diversas abordagens relacionadas a grupos colocados às margens (mulheres, comunidades LGBTQIA+, minorias religiosas etc.) (Sue, 2010c), para este estudo nos ateremos especificamente ao debate sobre as microagressões raciais, uma das formas de racismo. Composto por diversas facetas (individual, estrutural, institucional, ambiental, recreativo, linguístico etc.), o racismo é um estressor psicossocial significativo que possui efeitos psicológicos e físicos negativos acumulados ao longo da vida de sujeitos negros e outros racializados, sobretudo em sociedades geridas pela ideia de supremacia racial e centralidade da raça (Brondolo *et al.*, 2005, 2008, 2015; Broudy *et al.* 2007; Stepanikova; Oates, 2016; Bonilla-Silva, 2020).

Como um reflexo das sociedades, as bibliotecas e outros ambientes informacionais acabam por reproduzir e refletir os preconceitos e exclusões de viés racial contra populações negras, não só em seus espaços como na atuação de pessoas bibliotecárias e profissionais da informação. Temos consciência, no entanto, que essas violências podem se manifestar de forma inconsciente nas ações e imaginário social (Sue, 2010c) de pessoas bibliotecárias, mas partimos do entendimento que profissionais da informação se encontram em constante busca por informação e atualização profissional, assim como partem – ou deveriam partir – de uma atuação crítica e política em prol da justiça social às populações colocadas em situação de injustiças e vulnerabilidades econômicas, sociais, educacionais e informacionais. Jaena Alabi (2015), inclusive, infere sobre a necessidade de pesquisas que verifiquem profundamente de que forma as microagressões raciais prejudicam pessoas negras na área da Biblioteconomia, bibliotecas e espaços de informação.

Dado esse contexto, este artigo parte da seguinte questão: *De que forma as microagressões raciais se manifestam nas bibliotecas?* O objetivo geral é compreender como as microagressões raciais se manifestam nas bibliotecas, a partir dos depoimentos analisados no *The Microaggressions Project* (TMP) e o *Microaggressions in Librarianship* (ML). Este objetivo se desdobra em objetivos específicos, os quais buscam: a) conceituar as microagressões, características e suas esferas, e; b) analisar, a partir dos depoimentos coletados no TMP e ML,

como as microagressões raciais se manifestam nas bibliotecas e nos discursos de pessoas bibliotecárias.

Desde o final do século XIX, a literatura científica no campo biblioteconômico-informacional aborda sobre a presença do racismo e a raça nos ambientes informacionais, com pesquisas realizadas por pessoas negras bibliotecárias como E. J. Josey, Dorothy Porter Wesley, Teresa Y. Neely, Khafre K. Abif, Alma Dawson, Jaena Alabi e outros. Nossa pesquisa colabora com essa herança intelectual crítica sobre raça e racismo, ao investigar as manifestações racistas recorrentes sofridas em ambientes micro do cotidiano por pessoas negras em bibliotecas e ambientes informacionais, especialmente aquelas que são realizadas de formas subliminares e sutis por meio de comunicações que denotam desprezo e insulto (sejam intencionais ou não) e comportamentos de repulsa e depreciação a pessoas negras nesses espaços.

Entendemos que esta pesquisa se vincula aos estudos da Biblioteconomia Negra, Antirracista, Crítica, Intercultural, Decolonial e Interseccional articulada com outras áreas afins das ciências sociais aplicadas e das ciências humanas, sobretudo a área da Psicologia Social, enfocando a reflexão sobre as subjetividades dos sujeitos negros e racializados e as formas contemporâneas do racismo em espaços de transformação social como a biblioteca e outras unidades de informação. Buscamos, ainda, colaborar com os instrumentos normativos (leis, planos, diretrizes, resoluções) direcionadores da abordagem sobre história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas redes de ensino brasileiras, que conseqüentemente adentram aos espaços da sala de aula e das bibliotecas influenciando no oferecimento de produtos e serviços de informação. Em especial, visamos articular com as ações críticas que estejam em consonância com as medidas e estratégias indicadas para a Década Internacional dos Afrodescendentes (2015-2024), instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU); com futuras ações e programas de conscientização sobre macro e micro violências étnico-raciais desenvolvidas por grupos de trabalho, como o GT Relações Étnico-raciais e Decolonialidades, da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (GT RERAD-FEBAB) e GT 12 - Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades, da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), assim como para o desenvolvimento da discussão dentro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI), da Universidade Federal de Minas Gerais, do qual as pessoas autoras fazem parte.

Metodologicamente, para operacionalizar a proposta, realizamos uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, detalhada com mais cuidado em seção específica. A estrutura do texto apresenta o referencial teórico com os conceitos e esferas das microagressões raciais e suas intersecções de gênero e classe, seguida da contextualização dos projetos sobre microagressões, finalizando com a análise sobre microagressões em bibliotecas obtida a partir de recorte de depoimentos dos projetos *The Microaggressions Project* (TMP) e o *Microaggressions in Librarianship* (ML).

2 Microagressões: conceitos e facetas

Há 52 anos, o professor de Harvard e psiquiatra Charles Pierce (1970) cunhou o termo *microagressão* visando descrever as expressões sutis e cotidianas de racismo. Para o autor, tais expressões são mecanismos de ofensas raciais entendidas como “uma *micro-agressão*, em oposição a uma *macro-agressão* óbvia, grosseira e dramática, como o linchamento” (Pierce, 1970, p. 266, tradução nossa).

Com esta descrição, Pierce trouxe bases para outras teóricas e teóricos refletirem sobre o racismo em espaços cotidianos de interação humana. Na literatura científica, as microagressões são discutidas sob as perspectivas de pessoas com deficiência (Keller; Galgay, 2010; Conover; Israel, 2019; Lee *et al.*, 2019), pessoas LGBTQIA+ (Nadal *et al.*, 2016; Weber *et al.*, 2018), raça e racismo (Pierce *et al.*, 1978; Solorzano; Ceja; Yosso, 2000; Sue *et al.*, 2007; 2010a, b, c), entre outros grupos colocados às margens em sociedades racializadas, patriarcais e coloniais.

Afunilando para a perspectiva racial, as microagressões raciais são manifestações cotidianas do racismo em um nível interpessoal ou ambiental¹, em que as crenças preconceituosas do perpetrador se manifestam consciente ou inconscientemente em seus estilos de comunicação ou comportamentos em relação a uma pessoa negra ou não-branca (Sue *et al.*, 2007, Sue, 2010a, 2010c; Torres-Harding; Turner, 2014).

Essas microagressões não incluem incidentes como violência racial ou discriminação racial na biblioteca, universidade, local de trabalho ou mercado

¹ O termo *microagressão ambiental* se refere às inúmeras pistas sociais, educacionais, políticas ou econômicas humilhantes e ameaçadoras que são comunicadas individualmente, institucionalmente ou socialmente a grupos marginalizados (Sue, 2010d, p. 25)

imobiliário; em vez disso, são situações que se apresentam no cotidiano das pessoas de forma, muitas vezes, difíceis de serem assimiladas como uma agressão. Isso decorre, por um lado, pela concepção pessoal que cada pessoa branca tem de si como moralmente boa e decente, o que dificulta a conscientização de que são perpetradoras do racismo e de microagressões raciais manifestadas por seus preconceitos, vieses e comportamentos discriminatórios ocultos nas suas atitudes e pensamentos. Assim, a responsabilidade sobre o racismo é retirada dos ombros de pessoas brancas por intermédio das “credenciais antirracistas” do “eu até tenho amigos negros”, “amo a raça negra”, “não sou racista, sou casada com uma pessoa negra”, “somos todos iguais”, “não vejo cor”, “sou de todas as cores”, entre outras manobras defensivas que buscam preservar sua autoimagem de não-racista ao mesmo tempo em que silencia as denúncias das pessoas racialmente oprimidas (Sue, 2010a, 2010c).

Por outro lado, as injustiças epistêmicas, em especial a hermenêutica e testemunhal (Fricker, 2007; Patin *et al.*, 2021; Silva; Garcez; Silva, 2022) impedem que os sujeitos racializados consigam acesso à informação e aos instrumentos que possibilitem a interpretação de uma situação racista, neste caso, uma microagressão racial; quando a percebem e denunciam, suas vozes são invalidadas e descredibilizadas. Isso acaba por gerar um ciclo vicioso em que constantemente o racismo e as microagressões raciais se repetem e interferem na saúde dos sujeitos.

Embasados em Pierce, Sue *et al.* (2007) definiram nove² categorias de microagressões raciais, entendendo-as como ofensas raciais sutis, cotidianas e não intencionais perpetradas contra pessoas negras em sociedades racializadas. As microagressões são reais e podem ser identificadas e medidas (Williams, 2020), sendo assim não se trata somente da experiência subjetiva dos sujeitos racializados. Ademais, geralmente as microagressões são minimizadas como erros culturais ou gafes raciais, sem levar em consideração os traumas

² As categorias definidas são: a) supor que pessoa negra ou não-branca não é verdadeiramente americana; b) pressupostos de menor inteligência a pessoas negras, latinas, mulheres negras, etc.; c) declarações que transmitem negação da importância da raça; d) presunções de criminalidade a pessoas negras; e) negação do racismo individual; f) promoção do mito da meritocracia; g) suposições de que o histórico cultural e os estilos de comunicação de uma pessoa são patológicos; h) a experiência de ser tratado como um cidadão de segunda classe; e i) mensagens ambientais de desvalorização ou indesejabilidade das pessoas negras e outras não-brancas (Sue *et al.*, 2007; Sue, 2010a, 2010c; WILLIAMS, 2020)

psicossociais que resultam dessas na vida desses sujeitos (Sue, 2007, 2010a; Williams *et al.* 2020).

Diferentemente das “macroagressões”, entendidas como atos explícitos de agressão em larga escala contra grupos de pessoas marginalizadas (Spoon Vision, 2017), as microagressões “são indignidades verbais, comportamentais ou ambientais diárias, breves e corriqueiras, intencionais ou não, que comunicam insultos raciais hostis, depreciativos ou negativos a indivíduos de comunidades marginalizadas” (Microagressions in Librarianship, 2014, s.p.).

As microagressões são difíceis de serem identificadas, pois são formas sutis de preconceitos que se expressam por frases, comportamentos e expressões dirigidas a pessoas de grupos étnico-raciais e sociais não-hegemônicos (Sue *et al.*, 2007; SUE, 2010a, 2010b, 2010c). Tais mecanismos ofensivos são lançados às vítimas de racismo e sexismo concretizados via degradações e humilhações sutis, inócuas, pré-conscientes ou inconscientes, cinéticas e/ou verbais (Pierce, 1995). Embora assumida como inofensiva, o acúmulo de microagressões por toda a vida pode trazer sofrimento psíquico e trauma, além de contribuir para aumento da mortalidade dos sujeitos afetados (Hansson *et al.*, 2012).

Microagressões ainda podem surgir da linguagem utilizada nas relações sociais, das suposições e imaginários socialmente construídos sobre os sujeitos ou de microviolências em forma de “elogios” contra essas pessoas. Nesse sentido, aquilo que dizemos pode ter efeito profundo no senso de pertencimento, na autoestima, na identidade étnico-racial, de gênero e social de um sujeito; nas experiências vividas ou realidades sociais de um grupo (Harrison; Tanner, 2018; Sue *et al.*, 2007; Sue, 2010a).

Os ambientes do cotidiano e as interações humanas são os espaços em que as microagressões se manifestam na vida de sujeitos racializados, afetando o seu bem-estar em ambientes pluriculturais (Adedeji *et al.*, 2022). Dentre tais manifestações de microagressões podemos citar *banners* de divulgação de associações profissionais, universidades e organizações somente com pessoas do pertencimento étnico-racial branco como modelos; exclusão da representatividade negra em brinquedos, murais e acervos em creches, escolas, bibliotecas e sala de aula; tratamento dispensado a uma pessoa negra como se ela fosse uma “wikipreta”, em que dúvidas sobre conceitos e/ou debates étnico-raciais são perguntados a ela como se fosse uma fonte de informação étnico-racial infinita sobre o assunto; atribuição de adjetivos a uma pessoa como se

fosse representante de seu grupo étnico-racial (ex: as mulheres negras sabem sambar, os negros são boêmios, etc.), entre tantos outros exemplos.

As microagressões se interseccionam com gênero, classe e raça, e afetam minorias sexuais racialmente diversas influenciando na saúde física e psicológica desses sujeitos, conforme indicam a pesquisa de Weber *et al.* (2018). Ao realizar entrevistas com pessoas de diversos pertencimentos étnico-raciais, orientação sexual e identidades de gênero foram identificadas pelas pessoas autoras do estudo microagressões contra grupos marginalizados com oito temas principais, a saber: a) *desaprovação/desconforto com a experiência LGBTQIA+*: se refere a quando as pessoas heterossexuais, em suas interações individuais, comunicam desaprovação ou desconforto por estarem perto de sujeitos que se identificam como LGBTQIA+; b) *suposição de experiência universal*: se refere a quando as pessoas assumem que todas as minorias sexuais são as mesmas em forma, aparência e experiência vivida, o que leva à redução de pessoas LGBTQIA+ a estereótipos socialmente construídos; c) *estereótipos tradicionais de papéis de gênero*: se refere à perspectiva de que o gênero é apenas masculino ou feminino com uma atribuição de papel específica a cada um (por exemplo, as mulheres são gentis, delicadas, submissas, recatadas e do lar, enquanto os homens são agressivos, assertivos e viris); d) *negação da privacidade pessoal*: se refere a pessoas heterossexuais com questionamentos intrusivos a pessoas LGBTQIA+ sobre suas vidas, sexualidade, gênero e práticas sexuais; e) *exotismo*: quando os sujeitos LGBTQIA+ são objetificados sexualmente ou vistos como seres exóticos ou estrangeiros; f) *atribuição de inteligência*: quando as pessoas, baseadas em crenças racistas e sexistas dominantes, supõem que pessoas negras e mulheres são inferiores em educação, conhecimento ou capacidade de inteligência; g) *policiamento dos corpos*: consiste em uma minoria sexual não-conforme de gênero sendo sutilmente pressionada e questionada por estranhos, conhecidos, amigos e colegas para se conformar às normas sexuais e de gênero. Tal construção social de gênero como binária acaba por ser utilizada de forma inconsciente na defesa da heteronormatividade e o patriarcado; e h) *presunção de criminalidade*: quando uma pessoa negra é vista como criminosa ou delinquente por conta de seu pertencimento étnico-racial (Weber *et al.*, 2018). Nos oito temas supracitados, a marginalidade e a opressão se tornam estruturas que colocam grupos sociais e étnico-raciais em espaços de menos *status*, percebidos de forma negativa e confinados às margens em sistemas sociais, culturais, econômicos, educacionais, políticos e informacionais (Sue, 2010c). Com esse tratamento desigual, as injustiças sociais se tornam experiências constantes, contínuas e

acumulativas na vida desses sujeitos marginalizados e vulnerabilizados. Nesse contexto, as microagressões são como manifestações ativas de marginalidade demarcadas pela dualidade inclusão/exclusão, normalidade/anormalidade, desejabilidade/indesejabilidade, superioridade/inferioridade (Sue, 2003, 2010c).

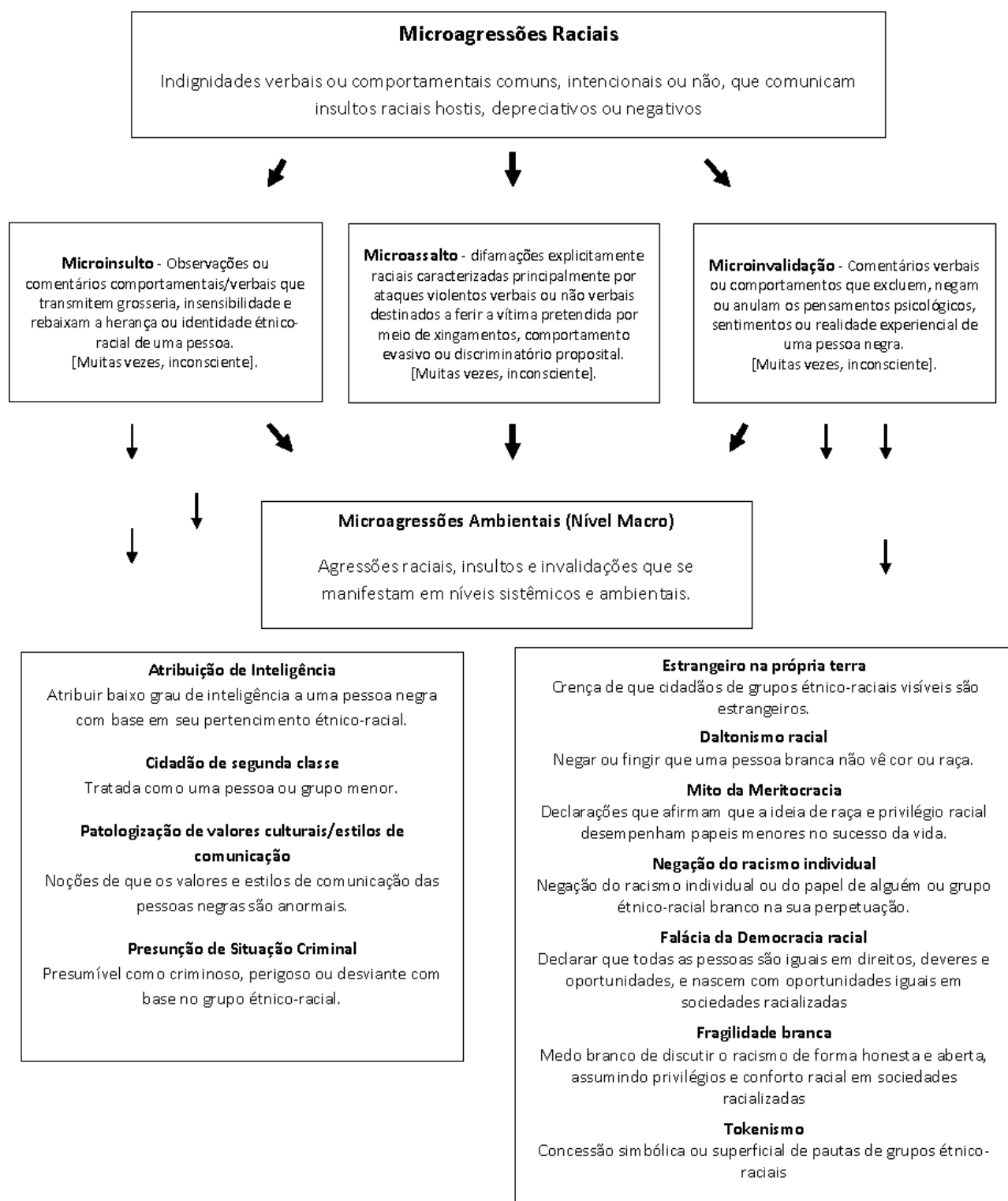
2.1 Teoria da Microagressão

A Teoria da Microagressão surgiu com o artigo *Racial microaggressions in everyday life*, publicado em 2007 pelo psicólogo Derald Wing Sue e colaboradores no periódico *American Psychologist*. Neste artigo, os autores trouxeram a taxonomia teórica das microagressões raciais contra pessoas negras e não-brancas no contexto estadunidense. Essa teoria está presente como um modelo de enquadramento da discriminação contemporânea, conforme Sue demarcou com os livros *Microaggressions in everyday life: race, gender, and sexual orientation* (2010c) e *Microaggressions and marginality: manifestation, dynamics, and impact* (2010b). Sue et al. (2007) fornecem uma maneira de classificar microagressões, as três formas que elas assumem (microassalto, microinsulto e microinvalidação), seus insultos ocultos e mensagens hostis e seu impacto prejudicial sobre quem as recebe.

As microagressões foram teorizadas e empiricamente investigadas sob diversas óticas e níveis visando identificar as diferenças delas para outros tipos de construtos discriminatórios. Com o tempo, além da discussão sobre raça e racismo, passou a englobar outros grupos não-hegemônicos como mulheres, pessoas LGBTQIA+, grupos religiosos minoritários etc.; ademais, aprofundou na investigação das consequências psicológicas que as experiências cumulativas de discriminação causam (Sue et al., 2007; Sue, 2010a, 2010c; Nadal et al., 2016).

No que concerne às características, indicamos que as microagressões se apresentam de três formas primárias, a saber: microassalto (ou microataque), microinsulto e microinvalidação. Tais formas podem variar na dimensão da consciência e intencionalidade do perpetrador, mas todas elas comunicam uma mensagem ou significado ofensivo aberto, encoberto ou oculto para os destinatários (Sue, 2010d). A Figura 1 apresenta a categorização e relação das microagressões raciais.

Figura 1 – Conceito e categorias de Microagressões Raciais e suas interconexões



Fonte: Adaptado de Sue *et al.* (2007), complementado com Di Angelo (2018), Eddo-Lodge (2019), Schucman (2014), e Silva, Garcez e Silva (2022).

O **microassalto** (*microassault*) - ou microataque - é uma “derrogação racial explícita caracterizada principalmente por um ataque verbal ou não verbal destinado a ferir a vítima pretendida por meio de xingamentos, comportamento evasivo ou ações discriminatórias propositais” (Sue *et al.*, 2007, p. 274). Trata-se, portanto, de atitudes, crenças e comportamentos conscientes, deliberados e sutis/explicitos de preconceitos (racial, de gênero, orientação sexual) comunicados para grupos não-hegemônicos e marginalizados por intermédio de sugestões ambientais, verbalizações ou comportamentos (Sue, 2010a, 2010c, 2010d). As pessoas que usam essa linguagem podem estar cientes de suas escolhas de linguagem, mas não necessariamente do impacto que as palavras têm nas pessoas de grupos colocados em lugares de subordinação que as ouvem (Nadal *et al.*, 2016).

Semelhante ao racismo individual, existem algumas condições para que as microagressões sejam praticadas, e que conferem ao agressor alguma forma de proteção. Tais condições podem ser (a) grau de anonimato e certeza de impunidade e ocultamento da agressão; (b) estar na presença de pessoas que compartilham crenças, valores e atitudes iguais sabendo que sairá livre de qualquer acusação; (c) estar em uma situação de descontrole que leve a pessoa a demonstrar seu pensamento discriminatório (Sue, 2010d). Assim, os microassaltos são executados de forma consciente e deliberada pelos perpetradores, embora expressos em situações micro (casa, trabalho, família) do cotidiano em que é possível algum anonimato a quem os pratica. Nesse sentido, as pessoas que praticam microassaltos possuem um imaginário social de inferioridade racial atribuído a pessoas negras, e só manifestarão publicamente o que pensam quando se descontrolam ou se sentem seguras em se manifestar via microagressão (Sue *et al.*, 2007; Sue, 2010a, 2010c).

O microassalto se manifesta no uso de termos como “nega”, “neguinha”, “negão”, “mulata”, “de cor” ou outros apelidos depreciativos; no desestímulo a interações entre grupos étnico-raciais diversos; na escolha deliberada de servir ou oferecer um produto, serviço ou cortesia para pessoas brancas antes de pessoas negras; ao exibir símbolos neonazistas como a suástica e bandeira dos confederados; ao fazer uso de epítetos raciais; piadas de cunho racista, sexista ou LGBTQIAfóbico etc. A intenção é ameaçar, intimidar e fazer com esses sujeitos ou grupos racializados se sintam inseguros, indesejados, inferiores (Sue *et al.*, 2007; Sue, 2010a, 2010b, 2010c, 2010d).

Enquanto isso, o **microinsulto** se refere à comunicação grosseira ou insensível, interpessoal ou ambiental, emitida de forma sutil pelo perpetrador com o intuito de rebaixar a herança ancestral e/ou identidade étnico-racial de uma pessoa. São representados pelo desprezo, estereótipos, insensibilidade e grosseria do perpetrador branco que transmite uma mensagem ofensiva e oculta à pessoa negra. Como exemplos de microinsultos, podemos citar quando em uma entrevista de emprego a pessoa entrevistadora diz a uma pessoa negra que só deve conseguir o emprego a pessoa mais qualificada, independentemente do pertencimento étnico-racial; ou quando pergunta a um funcionário negro como conseguiu o emprego; ou quando uma pessoa negra é questionada sobre um determinado item no supermercado, assumida como funcionária do lugar, mesmo que não esteja usando um uniforme; ou quando um docente branco ignora ou desvaloriza as contribuições de estudantes negros em sala de aula. Todos estes exemplos transmitem mensagens subjacentes de pessoas negras não serem inteligentes ou qualificadas para determinados cargos, reforça a ideia da meritocracia em sociedades racializadas, reduz pessoas negras a cargos subordinados ou como se só ascendessem socialmente ou em cargos de lideranças por políticas de ações afirmativas (Sue *et al.*, 2007; Sue, 2010a, 2010b, 2010c, 2010d).

Por fim, as **microinvalidações** se caracterizam por serem comunicações ou pistas ambientais que excluem, anulam, negam pensamentos, sentimentos e realidades experienciais de grupos marginalizados, como pessoas negras, indígenas, mulheres, população LGBTQIA+ e pessoas com deficiência. A microinvalidação é, de muitas formas, a mais prejudicial das três microagressões, pois nega diretamente as realidades sociais e violências contra as pessoas, povos e comunidades não-hegemônicas. As microinvalidações se vinculam à injustiça testemunhal (Fricker, 2007; Patin *et al.*, 2021), haja vista que as denúncias de racismo, sexismo, machismo e LGBTQIAfobia são invalidadas por conta de um prejulgamento de quem recebe a denúncia. Uma pessoa receber constantes perguntas sobre onde a pessoa nasceu, onde aprendeu a falar o idioma do país de forma correta, mandar a pessoa voltar para o seu país quando ela reside em seu país de origem são exemplos de microinvalidações com tema de ser estrangeira em seu próprio país. A negação do pertencimento étnico-racial, de gênero e orientação sexual é outra forma de microinvalidação, pois pressionam os sujeitos racializados a não abordarem o tema do racismo e raça nas discussões, indica ainda que as pessoas negras devem se aculturar ou assimilar a cultura hegemônica branca ao invés da sua própria, além de manter o conforto das pessoas brancas em não parecerem racistas e a negarem

experiências raciais que pessoas negras tiveram. Ao negar a centralidade da raça, há uma negação das diferenças. Com a negação das diferenças, se nega também os privilégios e poder obtidos por ser o grupo étnico-racial dominante em sociedades racializadas, assim como fecha-se os olhos para os acúmulos de riquezas e benefícios que se obtém ao explorar os grupos colocados às margens em lugares de vulnerabilidades e subjugação (Bonilla-Silva, 2020; Sue et al., 2007; Sue, 2010a, 2010b, 2010c, 2010d).

Dado o contexto, conceituação e caracterização das microagressões raciais, passamos agora para os dois projetos que são o universo desta pesquisa, o *The Microaggressions Project: notes on power, privilege and everyday life* e o *Microaggressions in Librarianship*.

2.2 Projetos com enfoque em microagressões: *The Microaggressions Project* e *Microaggressions in Librarianship*

Fundado em 2010, *The Microaggressions Project: notes on power, privilege and everyday life* (TMP) é um “um blog interativo baseado em submissão que documenta as maneiras pelas quais o poder e o privilégio das identidades sociais são exercidos e aplicados – muitas vezes inconscientemente – nos comentários do dia a dia” (Lu; Zhou, 2011, s.p.). Trata-se de um espaço que visibiliza as experiências racializadas concretizadas em forma de microagressões raciais, demonstrando por intermédio de comentários, como as identidades sociais são oprimidas diariamente por intermédio de interações sociais verbais sutis, comportamentos e atitudes de desprezo racial (Mccarthy, 2011; Prescott, 2012).

O projeto promove ainda uma compreensão da opressão, privilégio e poder demonstrando como os demarcadores étnico-raciais, gênero, classe, condição atípica, e outras identidades se interseccionam na exclusão de populações colocadas às margens. Os depoimentos de pessoas anônimas são publicados no site e descrevem as interações pessoais e individuais no seu cotidiano (Lu; Zhou, 2011). Tais depoimentos dizem respeito às categorias de pertencimento étnico-racial, gênero, classe, sexualidade, habilidade, *status* de imigração e religião. Gestores do projeto, Vivian Lu e David Zhou afirmam que o objetivo do “projeto não é mostrar como as pessoas podem ser ignorantes, e simplesmente descartar sua ignorância. Em vez disso, trata-se de mostrar como esses comentários criam e reforçam realidades desconfortáveis, violentas e inseguras” (Lu; Zhou, 2011, s.p.). Esse projeto permite que “as pessoas expressem seus

sentimentos de dor, choque e frustração pela discriminação que tantas vezes experimentam nas mãos de seus semelhantes” (Angyal, 2011, s.p.).

Criado em março de 2014, por Cynthia Mari Orozco, com enfoque na Biblioteconomia, o *Microaggressions in Librarianship (ML)* é um blog cuja função é ser um espaço digital para as pessoas que atuam em bibliotecas, arquivos e espaços de informação poderem compartilhar suas experiências com microagressões dentro da profissão bibliotecária (*Microaggressions in Librarianship*, 2014).

O projeto iniciou de conversas entre mulheres negras no início de carreira que partilhavam experiências e buscavam conselhos e suporte de colegas sobre como enfrentar situações de microagressão em seus espaços de trabalho. No início de suas carreiras, esses profissionais passaram por diversas situações de desrespeito, insultos, falas depreciativas e outros tipos de microagressões cometidas por seus colegas, supervisores e clientes. Tais situações se davam de forma aparentemente sutil e inofensiva, mas que carregavam consigo os temas dos microinsultos, microassaltos e microinvalidações. Assim, o ML se tornou fonte de informação sobre microagressões e publicizou zines de pessoas bibliotecárias e profissionais da informação pertencentes a comunidades colocadas às margens as quais partilhavam suas experiências com microagressões nos seus espaços de atuação. Em coletivo, as experiências partilhadas se tornaram subsídios para que os membros pudessem enfrentar emocionalmente os sentimentos que as microagressões produziram e até mesmo permitiu a construção de uma agência antirracista, antisexistista e antiLGBTQIAfóbica dentro da profissão (Arroyo-Ramirez *et al.*, 2018).

Tendo como base projetos orientados para a justiça social nas mídias sociais como o *The Microaggressions Project* e *I, Too, Am Harvard*, o ML visou desenvolver espaços críticos para identificar, reconhecer e superar as microagressões que existem na Biblioteconomia e que são as “experiências reais vividas por pessoas bibliotecárias de comunidades marginalizadas” (*Microaggressions in Librarianship*, 2014, s.p.).

O coletivo escolheu o Tumblr para criar o ML, como um fórum anônimo e seguro para que as pessoas interessadas pudessem partilhar suas experiências sem medo de sofrerem punições ou represálias por isso. Com o seu desenvolvimento, o ML realizou diversas ações que visaram ir além das conversas e partilhas coletivas de experiências raciais, engajando a comunidade de profissionais por intermédio de oficinas de criação de zines, conferências, e outras que

permitissem o debate e a reflexão crítica sobre as microagressões e o enfrentamento a essas violências (Arroyo-Ramirez *et al.*, 2018).

3 Procedimentos metodológicos

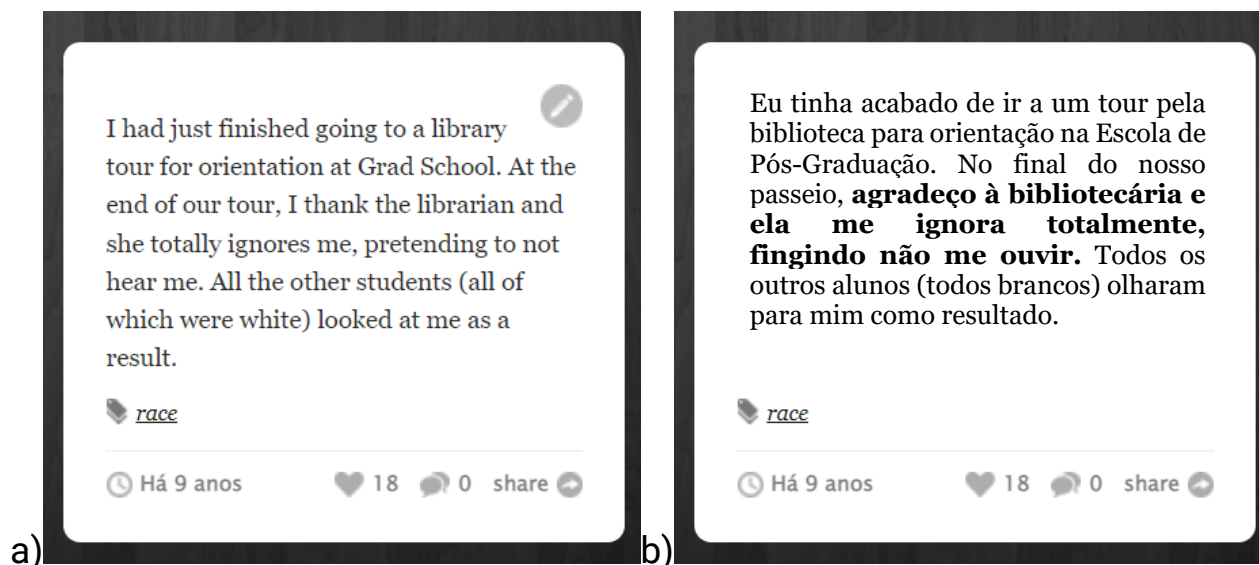
Este artigo está teoricamente embasado em livros, artigos e capítulos de livros publicados sobre microagressões nas áreas da Psicologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva que analisou discursos coletados em dois projetos que promovem o debate sobre microagressões: *The Microaggressions Project* e o *Microaggressions in Librarianship*, ambos no *tumblr*, no período de 2010 a 2020. No primeiro projeto, dada sua amplitude de temas classificados, foi selecionada a categoria “race”, refinada pela busca com termo “library” e “librarian”.

No segundo projeto, após leitura dos depoimentos publicados entre o período entre março de 2014 a junho de 2020, considerando que os depoimentos se referiam aos diversos tipos de experiências com microagressões e identidades dos sujeitos (mulheres, pessoas LGBTQIA+, asiáticas, latinas, judias etc.), foi extraída uma amostra de depoimentos que se relacionavam à experiência de pessoas negras com microagressão racial em bibliotecas e cometidas por pessoas bibliotecárias publicados no ML.

4 Resultados e discussão

Ao longo da existência do *The Microaggressions Project* foram publicados 1.642 posts na categoria “race”, dos quais 15 foram recuperados com o termo de busca “library” e dois recuperados com o termo “librarian”. Para este estudo, selecionamos três exemplos de microagressão racial em bibliotecas contra pessoas negras presentes no TMP. Já no *Microaggressions in Librarianship*, foram publicados 136 depoimentos no período da pesquisa (2010 a 2020). Como não havia uma categorização pela perspectiva racial, foi selecionada a categoria “microaggressions”, e todos os depoimentos foram lidos na íntegra. Ao final, dos 10 que consideramos dentro do escopo do estudo, cujos critérios de seleção dos mesmos esteve em ser um depoimento anônimo publicado por uma pessoa negra e comentando sobre uma experiência de microagressão racial; um exemplo foi extraído para análise deste artigo.

Figura 2 – Depoimento sobre microagressão racial na categoria “microinsulto” cometida por pessoa bibliotecária em inglês (a) e português (b) publicado no *The Microagressions Project*



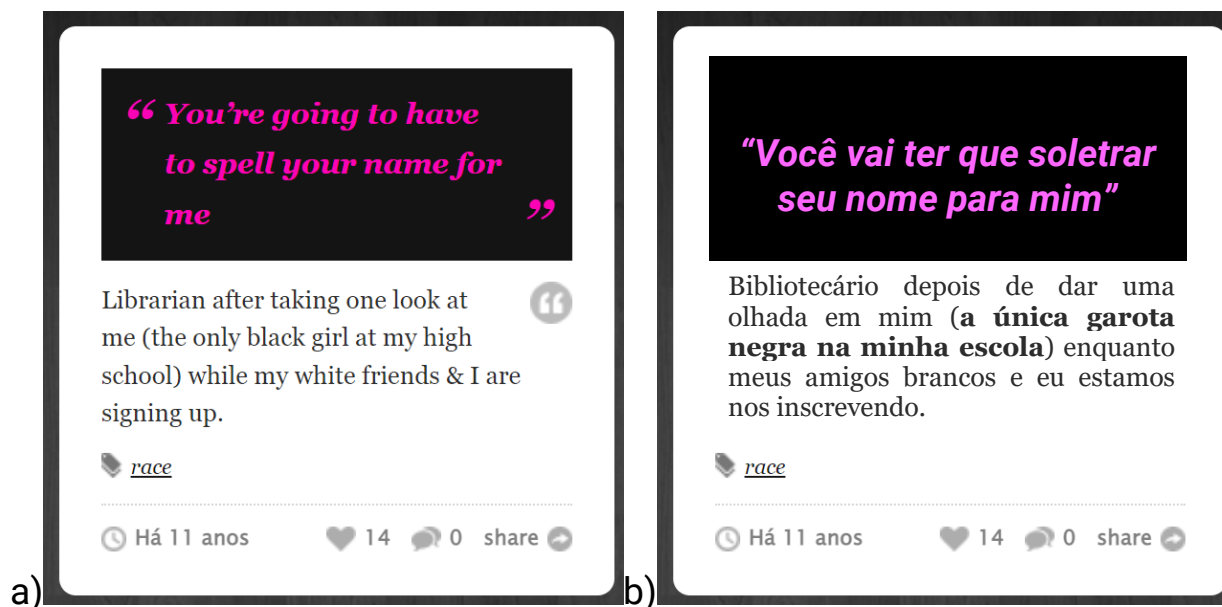
Fonte: The Microagressions Project (2022).

Conforme Sue (2010d) nos lembra, a microagressão também acontece por intermédio de atitudes e comportamentos não-verbais em que a intenção seja que os sujeitos violentados se sintam intimidados, indesejados e inseguros nos ambientes em que frequentam. As ações comunicam, portanto, que as pessoas não são dignas de estarem nesse espaço e que ele não as pertence.

No depoimento apresentado na Figura 2, observamos uma forma de microagressão da *categoria microinsulto* quando a bibliotecária ignora a presença e o agradecimento da pesquisadora negra, a colocando em uma situação de desconforto e constrangimento frente a seus colegas.

O *microinsulto* transmite mensagem de grosseria e insensibilidade em mensagem ofensiva oculta que é percebida pelo destinatário da ação. Na taxonomia das microagressões raciais, o caso da figura 2 se configura no tema “cidadão de segunda classe”, em que a microagressão torna ausente e indesejável a presença da pessoa negra no ambiente da biblioteca buscando demonstrar que naquele espaço a pessoa não é bem-vinda e que ela é um ser humano de categoria inferior aos demais.

Figura 3 – Depoimento sobre microagressão racial na categoria “microinvalidação” realizada por pessoa bibliotecária em inglês (a) e português (b) publicado no *The Microaggressions Project*

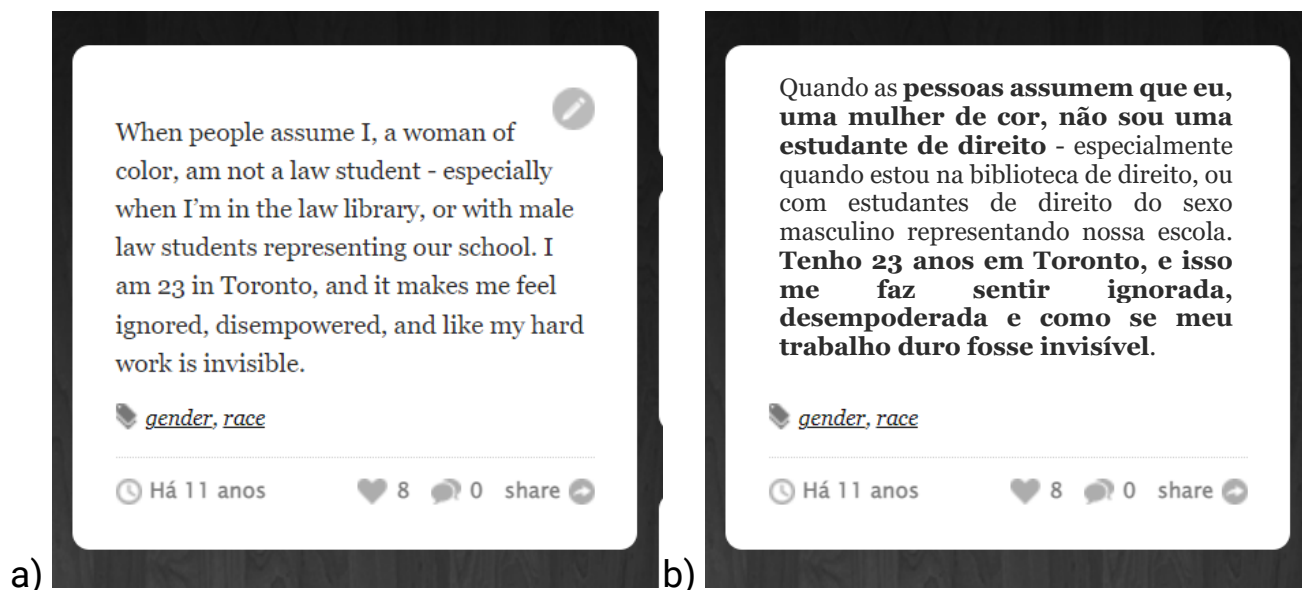


Fonte: The Microaggressions Project (2022).

O depoimento contido na Figura 3 nos traz um exemplo de *microinvalidação*, caracterizada por comunicações ou pistas que excluem, negam, ou anulam realidades experienciais de pessoas negras e outras de grupos às margens (Sue *et al.*, 2007, Sue, 2010a, 2010c).

Ao pedir que a estudante soletre seu sobrenome, o bibliotecário está enviando a mensagem de que ela é uma “estrangeira em sua própria terra” (Sue, 2010d). Essa microagressão denota uma suposição implícita do bibliotecário de que aquela estudante é estrangeira por uma concepção inconsciente de só é americano quem é branco. Essa infelizmente é a experiência que comumente é vivenciada por pessoas americanas de origem africana, latina, asiática dentro do seu próprio território.

Figura 4 – Depoimento sobre microagressão racial na categoria “microinsulto” na biblioteca em inglês (a) e português (b) publicado no *The Microaggressions Project*

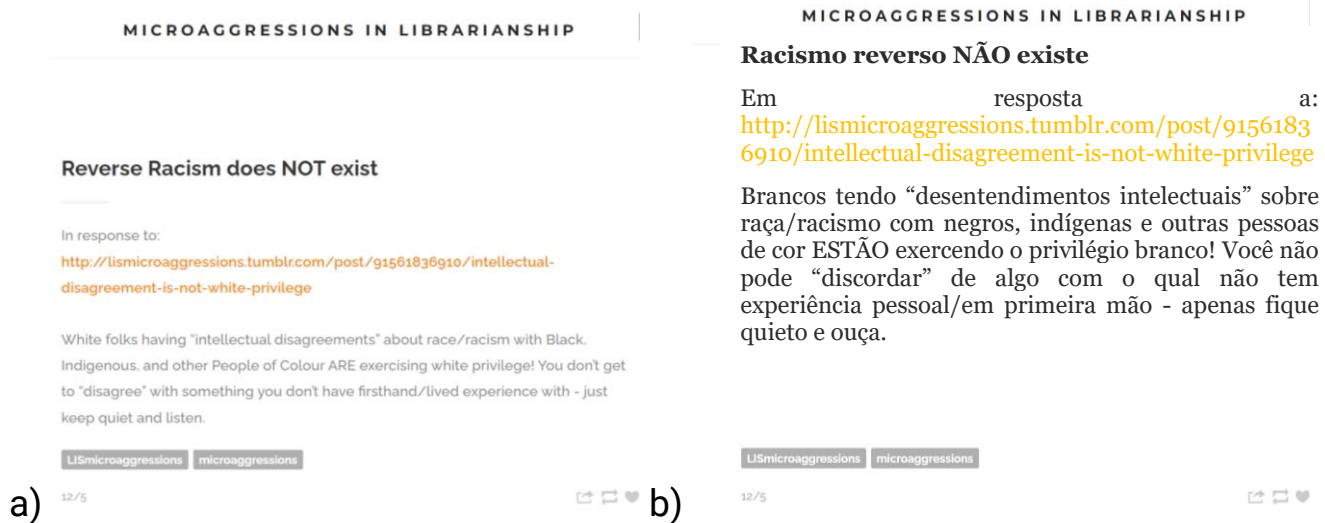


Fonte: The Microaggressions Project (2022).

A mensagem oculta contida na Figura 4 se relaciona a um *microinsulto* que intersecciona pertencimento étnico-racial e gênero. Uma das mais comuns microagressões está na crença de que pessoas negras são intelectualmente inferiores a pessoas brancas (Smedley; Smedley, 2005; Sue, 2010d). Tal microinsulto se manifesta na metacomunicação insultante que questiona o intelecto, competência e capacidades de pessoas negras, indígenas e outras não-hegemônicas.

A mensagem oculta está na atribuição de baixa inteligência a mulheres negras quando os perpetradores expressam surpresa ou desconsideram a possibilidade de uma mulher negra ser estudante de uma área do conhecimento considerada tradicionalmente masculina e branca (Sue, 2010d). Como consequência, esta violência atua negativamente na saúde psíquica e autoestima intelectual da estudante, causando estresse, depressão, ansiedade, sintomas de estresse pós-traumático, transtorno-obsessivo-compulsivo, dentre outras psicopatologias causadas pelas microagressões raciais (Torres; Driscoll; Burrow. 2010; Nadal et al., 2014a; 2014b; Williams; Printz; Dellapp, 2018; Williams et al., 2017; Williams, 2020).

Figura 5 – Depoimento sobre microagressão racial na categoria “microinvalidação” na biblioteca em inglês (a) e português (b) publicado no *Microaggressions in Librarianship*



Fonte: Microaggressions in Librarianship (2022).

A microagressão relatada na Figura 5, representa uma microinvalidação relacionada à negação racial, na qual pessoas brancas invalidam, oprimem e censuram as experiências com violências raciais de sujeitos e grupos negros (Sue *et al.*, 2007; Sue, 2010a, 2010c).

No caso acima, as pessoas negras são deslegitimadas por pessoas brancas as quais dizem que suas percepções sobre discriminação racial, preconceito racial e racismo são infundadas ou inventadas, contestando suas vivências em sociedades racializadas (Nadal *et al.*, 2016). Quando a pessoa depoente na Figura 5 infere que as pessoas brancas estão exercendo seu privilégio branco de discutir sobre racismo e invalidá-lo, isso significa dizer que o opressor insiste em negar que é racista ao mesmo tempo em que quer silenciar a discussão sobre o tema.

Retomamos Nadal *et al.* (2016) que nos lembra sobre as pessoas brancas negarem ser racistas, pois se percebem como legitimamente boas em uma perspectiva moral, e que por isso não poderiam ser racistas. Esse posicionamento também reforça a dominação hegemônica nos discursos raciais expressos pelos instrumentos de poder racial, entre eles, a branquitude, a falácia da democracia racial e a ideologia da meritocracia.

5 Considerações finais

Este texto partiu da seguinte questão: *De que forma as microagressões raciais se manifestam nas bibliotecas?* Buscamos a compreensão de como as microagressões raciais se manifestam nas bibliotecas, a partir dos depoimentos anônimos em dois projetos de denúncia de microagressões, o *The Microaggressions Project (TMP)* e o *Microaggressions in Librarianship (ML)*.

Embasados na literatura científica da Psicologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, caracterizamos as microagressões raciais e trouxemos a taxonomia das microagressões demarcadas pelos microassaltos (ou microataques), microainsultos e microinvalidações.

Na amostra de depoimentos analisada, as práticas sutis e mensagens racistas ocultas não-verbais e verbais que carregam desprezo, sexismo e racismo evidenciam a presença dessas microagressões no contexto das bibliotecas e unidades de informação. Por outro lado, foi exposta a consciência dos sujeitos que as sofrem e percebem a influência dessas microviolências no seu cotidiano de trabalho, estudos, relações interpessoais e vivências.

A amostra apresentada por esta pesquisa também ressalta a necessidade de uma agenda de estudos sobre microagressões, tanto complementando a proposta assinalada aqui e limitada por tempo e pelas escolhas de enfoque, mas que podem também se transfigurar em outras temáticas, nas quais os microassaltos, os microainsultos e as microinvalidações possam ser investigados em profundidade, em especial em suas interrelações e intersecções, como por exemplo, com a justiça informacional e as ações efetivas feitas por pessoas bibliotecárias e outras profissionais da informação para combatê-las no âmbito de suas unidades de informação.

Referências

- ADEDEJI, Adekunle; OLONISAKIN, Tosin Tunrayo; METZNER, Franka; BUCHCIK, Johanna; TSABEDZE, Wandile; BOEHNKE, Klaus; IDEMUDIA, Erhabor S. Interpreting Microaggression as a Determinant of Wellbeing. **Journal of Racial and Ethnic Health Disparities**, [s.l.], 2022 oct. 12. [Pré print]. DOI: 10.1007/s40615-022-01426-z
- ALABI, Jaena. Racial Microaggressions in Academic Libraries: results of a Survey of Minority and Nonminority Librarians. **The Journal of Academic Librarianship**, Amsterdã, v. 41, n. 1, p. 47-53, 2015. DOI: 10.1016/j.acalib.2014.10.008
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo. Pólen, 2019. 264 p.

ANNAMMA, Subini Ancy; JACKSON, Darrell D.; MORRISON, Deb. Conceptualizing color-evasiveness: using dis/ability critical race theory to expand a color-blind racial ideology in education and society. **Race Ethnicity and Education**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 147-162, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/13613324.2016.1248837>

ARROYO-RAMIREZ, Elvia; CHOU, Rose L.; FREEDMAN, Jenna; FUJITA, Simone; OROZCO, Cynthia Mari. The Reach of a Long-Arm Stapler: Calling in Microaggressions in the LIS Field through Zine Work. **Library Trends**, [s.l.], v. 67, n. 1, p. 107-130, Summer 2018. DOI: <https://doi.org/10.7916/D8CG172F>

ANGYAL, Chloe. Awesome blog alert: microaggressions. **Feministing**, [s.l.], 2011. Disponível em: <http://feministing.com/2011/01/21/awesome-blog-alert-microaggressions/> Acesso em: 10 ago. 2022.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racismo sem racistas**: o racismo da cegueira da cor e a persistência da desigualdade na América. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BRONDOLO, Elizabeth; THOMPSON, Shola; BRADY, Nisha; APPEL, Risa; CASSELLS, Andrea; TOBIN, Jonathan N.; SWEENEY, Mônica. The relationship of racism to appraisals and coping in a community sample. **Ethnicity & Disease**, [s.l.], v. 15, n. 4, supl. 5, p. s-14-9, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16315377/> Acesso em: 20 ago. 2022.

BRONDOLO, Elizabeth; BRADY, Nisha; THOMPSON, Shola; TOBIN, Jonathan N.; CASSELLS, Andrea; SWEENEY, Mônica; MCFARLANE, Delano; CONTRADA, Richard J. Perceived racism and negative affect: Analyses of trait and state measures of affect in a community sample. **Journal of Social and Clinical Psychology**, [s.l.], v. 27, p. 150-173, 2008. DOI: [10.1521/jscp.2008.27.2.150](https://doi.org/10.1521/jscp.2008.27.2.150)

BRONDOLO, Elizabeth; MONGE, Angela; AGOSTA, John; TOBIN, Jonathan N.; CASSELLS, Andrea; STANTON, Cassandra; SCHWARTZ, Joseph. Perceived ethnic discrimination and cigarette smoking: examining the moderating effects of race/ethnicity and gender in a sample of Black and Latino urban adults. **Journal of Behavioral Medicine**, [s.l.], v. 38, n. 4, p. 689-700, 2015. DOI: [10.1007/s10865-015-9645-2](https://doi.org/10.1007/s10865-015-9645-2).

BROUDY, Risa; BRONDOLO, Elizabeth; COAKLEY, Vonetta; BRADY, Nisha; CASSELLS, Andrea; TOBIN, Jonathan N.; SWEENEY, Monica. Perceived ethnic discrimination in relation to daily moods and negative social interactions. **Journal of Behavioral Medicine**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 31-43, 2007. DOI: [10.1007/s10865-006-9081-4](https://doi.org/10.1007/s10865-006-9081-4)

CAMPOS, Luiz Augusto. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **RBCS**, [s.l.], v. 32, n. 95, p. 1-19, 2017.

CONOVER, Kristin J.; ISRAEL, Tania. Microaggressions and social support among sexual minorities with physical disabilities. **Rehabilitation Psychology**, [s.l.], v. 64, n. 2, p. 167-178, 2019. DOI: 10.1037/rep0000250.

DI ANGELO, Robin. Fragilidade branca. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 35–57, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i3.22528>

EDDO-LODGE, Reni. **Por que não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

FRICKER, Miranda. **Epistemic injustice: power & the ethics of knowing**. Oxford, England: Oxford University Press, 2007.

HANSSON, Emily K, TUCK, Andrew; LURIE, Steve; MCKENZIE, Kwame. Rates of mental illness and suicidality in immigrant, refugee, ethnocultural, and racialized groups in Canada: a review of the literature. **The Canadian Journal of Psychiatry**, [s.l.], v. 57, n. 2, p. 111-121, 2012. DOI: 10.1177/070674371205700208

HARRISON, Colin; TANNER, Kimberly D. Language Matters: considering microaggressions in science. **CBE: Life Sciences Education**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. fe4, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1187/cbe.18-01-0011>

HUYNH, Virginia W. Ethnic Microaggressions and the Depressive and Somatic Symptoms of Latino and Asian American Adolescents. **Journal of Youth and Adolescence**, [s.l.], v. 41, p. 831-846, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-012-9756-9>

ISAAC, Benjamin. Proto-racism in Graeco-Roman antiquity. **World Archaeology**, [s.l.], v. 38, n. 1, p. 32-47, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/00438240500509819>

KELLER, Richard. M.; GALGAY, Corinne E. Microaggressive experiences of people with disabilities. In: SUE, Derald Wing. (ed.). **Microaggressions and marginality: manifestation, dynamics, and impact**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2010a. p. 241-267.

LEE, Eun-Jeong; DITCHMAN, Nicole; THOMAS, Julia; TSEN, Jonathan. Microaggressions experienced by people with multiple sclerosis in the workplace: An exploratory study using Sue's taxonomy. **Rehabilitation Psychology**, [s.l.], v. 64, n. 2, p. 179-193, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1037/rep0000269>

LU, Vivian; ZHOU, David. Interview. In: MCCARTHY, Allison. The Microaggressions Project: an interview with Vivian Lu and David Zhou. **Ms. Magazine**, Maryland, 05 dez. 2011. Disponível em: <https://msmagazine.com/2011/05/12/the-microaggressions-project-an-interview-with-vivian-lu-and-david-zhou/> Acesso em: 20 ago. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios**, [s.l.], n. 32, p. 123-151, 2016.

MCCARTHY, Allison. The Microaggressions Project: An Interview with Vivian Lu and David Zhou. **Ms. Magazine**, Maryland, 05 dez. 2011. Disponível em: <https://msmagazine.com/2011/05/12/the-microaggressions-project-an-interview-with-vivian-lu-and-david-zhou/> Acesso em: 20 ago. 2022.

MICROAGGRESSIONS IN LIBRARIANSHIP. **Call for Microaggressions Post-its! (For Zine-Making)**. [S./], 2014. Disponível em: <https://lismicroaggressions.com/archive> Acesso em: 20 ago. 2022.

NADAL, Kevin L.; WHITMAN, Lindsey S. Davis; ERAZO, Tanya; DAVIDOFF, Kristin C. Microaggressions Toward Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, and Genderqueer People: a review of the Literature. **The Journal of Sex Research**, [s./], v. 53, n. 4-5, p. 488–508, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1142495>

NADAL, Kevin L.; GRIFFIN, Katie E.; WONG, Yinglee; HAMIT, Sahran; Rasmus, Morgan. The impact of racial microaggressions on mental health: Counseling implications for clients of color. **Journal of Counseling & Development**, [s./], v. 92, p. 57–66, 2014a. DOI: <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2014.00130.x>

NADAL, Kevin L.; WONG, Yinglee; GRIFFIN, Katie E.; DAVIDOFF, Kristin; SRIKEN, Julie. The adverse impact of racial microaggressions on college students' self-esteem. **Journal of College Student Development**, [s./], v. 55, p. 461–474, 2014b. DOI: <https://doi.org/10.1353/csd.2014.0051>

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; Bertolini, Danielle; GRIMM, Alexandra. Interrupting epistemicide: a practical framework for naming, identifying, and ending epistemic injustice in the information professions. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, [s./], v. 72, n. 10, p. 1306-1318, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.24479>

PIERCE, Chester M. Offensive mechanisms. In: Barbour, Floyd B. (ed.). **The Black seventies: an extending horizon book**. Boston: Porter Sargent Publisher; 1970. p. 265-282.

PIERCE, Chester M. Stress Analogs of Racism and Sexism: terrorism, torture, and disaster. In: WILLIE, C.; RIEKER, P.; KRAMER, B.; BROWN, B. (ed.). **Mental Health, Racism, and Sexism**. Pittsburgh: University of Pittsburg Press, 1995. p. 277-293.

PIERCE, Chester M., CAREW, J.; PIERCE-GONZALEZ, D.; WILLIS, D. An experiment in racism: TV commercials. In: PIERCE, Chester M. (ed.). **Television and education**. Beverly Hills, CA: Sage, 1978. p. 62-88.

PRESCOTT, Virginia. "Microaggressions" Exposed. **New Hampshire Public Radio**, New Hampshire, January 26, 2012. Disponível em: <https://www.nhpr.org/post/microaggressions-exposed> Acesso em: 20 ago. 2022.

THE MICROAGGRESSIONS PROJECT. **About this Project**. [S./], 2022. Disponível em: <https://www.microaggressions.com/search/library> Acesso em: 20 ago. 2022.

ROBINSON, Cedric J. Racial capitalism: the nonobjective character of capitalism development. In: ROBINSON, Cedric J. **Black Marxism: the Making of the Black Radical Tradition**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2000.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido o branco e o branquíssimo**: branquitude hierarquia e poder na Cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014. 191 p.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da.; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da.; Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. *In*: CARDONA, Natalia Duque; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. (Org.). **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha, 2020. p. 119-202.

SMEDLEY, Audrey; SMEDLEY, Brian D. Race as biology is fiction, racism as a social problem is real. **American Psychologist**, [s.l.], v. 60, p. 16-26, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.1.16>

SOLORZANO, Daniel; CEJA, Miguel; YOSSO, Tara. Critical race theory, racial microaggressions, and campus racial climate: The experiences of African American college students. **Journal of Negro Education**, [s.l.], v. 69, n. 1/2, p. 60-73, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2696265> Acesso em: 10 ago. 2022.

SPOON VISION. **'Take Your Hood Off' and Other Teacher Microaggressions**. Oklahoma, Dec. 9, 2017. Disponível em: <https://spoonvision.wordpress.com/2017/12/09/take-your-hood-off-and-other-teacher-microaggressions/> Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, Lucas Barbosa e; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Território, ambiente e modos de vida: conflitos entre o agronegócio e a Comunidade Quilombola de Morro de São João, Tocantins. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 31, p. 1-26, 2019.

STEPANIKOVA, Irena; OATES, Gabriela R. Dimensions of Racial Identity and Perceived Discrimination in Health Care. **Ethnicity & Disease**, [s.l.], v. 26, n. 4, p. 501-512, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18865/ed.26.4.501>

SUE, Derald Wing; CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C.; BUCCERI, Jennifer M.; HOLDER, Aisha M. B.; NADAL, Kevin L.; ESQUILIN, Marta. Racial microaggressions in everyday life. **American Psychologist**, [s.l.], v. 62, n. 4, p. 271-286, May-June 2007.

SUE, Derald Wing. Whiteness and Ethnocentric Monoculturalism: Making the "Invisible" Visible. **American Psychologist**, [s.l.], v. 59, n. 8, p. 761-769, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1037/0003-066x.59.8.761>

SUE, Derald Wing. Microaggressions, Marginality, and Oppression: an introduction. *In*: SUE, Derald Wing. (ed.). **Microaggressions and marginality**: manifestation, dynamics, and impact. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2010a.

SUE, Derald Wing. (ed.). **Microaggressions and marginality**: manifestation, dynamics, and impact. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2010b.

SUE, Derald Wing. **Microaggressions in everyday life**: race, gender, and sexual orientation. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2010c.

SUE, Derald Wing. Taxonomy of Microaggressions. *In*: SUE, Derald Wing. **Microaggressions in everyday life**: race, gender, and sexual orientation. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2010d. p. 21-42.

SUE, Derald Wing. **Overcoming our racism**: the journey to liberation. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2003.

TORRES, Lucas; DRISCOLL, Mark W.; BURROW, Anthony L. Racial microaggressions and psychological functioning among highly achieving African-Americans: A mixed-methods approach. **Journal of Social and Clinical Psychology**, [s.l.], v. 29, p. 1074–1099, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1521/jscp.2010.29.10.1074>

TORRES-HARDING, Susan; TURNER, Tasha. Assessing Racial Microaggression Distress in a Diverse Sample. **Evaluation & the Health Professions**, [s.l.], v. 38, n. 4, p. 464–490, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0163278714550860>

WEBER, Amanda; COLLINS, Shelly-Ann; ROBINSON-WOOD, Tracy; ZEKO-UNDERWOOD, Elda; POINDEXTER, Bianca. Subtle and Severe: Microaggressions Among Racially Diverse Sexual Minorities. **Journal of Homosexuality**, [s.l.], v. 65, n. 4, p. 540-559, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1324679>

WILLIAMS, Monnica T. Microaggressions: Clarification, Evidence, and Impact. **Perspectives on Psychological Science**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 3–26, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1745691619827499>

WILLIAMS, Monnica T.; TAYLOR, Robert J.; MOUZON, Dawne M.; OSHIN, Linda A., HIMLE, Joseph A.; CHATTERS, Linda M. (2017). Discrimination and symptoms of obsessive–compulsive disorder among African Americans. **American Journal of Orthopsychiatry**, [s.l.], v. 87, p. 636–645, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1037/ort0000285>

WILLIAMS, Monnica T.; Printz, Destiny M.; DeLapp, Ryan C. T. Assessing racial trauma in African Americans with the Trauma Symptoms of Discrimination Scale. **Psychology of Violence**, [s.l.], v. 8, p. 735–747, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1037/vio0000212>

Sobre a autoria

Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva

Professora Adjunta no Departamento Acadêmico de Ciência da Informação (DACI), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC). Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É idealizadora e gerente do projeto social Quilombo Intelectual. Idealizadora e coordenadora do Selo Editorial Nyota. É vice-coordenadora do do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI) e compõe o quadro de integrantes do Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes como membro do Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (OS.sat). É autora do livro *Biblioteconomia Negra: das epistemologias negro-africanas à Teoria Crítica Racial* (Malê, 2023).

franciele.garces@unir.br / francigarces@yahoo.com.br

Dirnéle Carneiro Garcez

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN-UFSC). Mestra em Ciência da Informação (PPGCIN/UFSC). Bacharela em Administração pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Integrante do Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes como membro do Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S².sat) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI/UFMG). Bolsista CAPES de Desenvolvimento Social (CAPES-DS).

dirnele.garcez@yahoo.com.br

Gabriel de Melo Vieira

Mestrando em Gestão da Informação, no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

b.i.1@hotmail.com

Priscila Rufino Fevrier

Doutoranda em Ciência da Informação de Informação (IBICT/UFRJ). Mestra em Ciência da Informação (PPGCIN/UFSC). Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do Grupo de Estudos Intelectuais Negras na Ciência da Informação. Membro do Grupo de Trabalho "Relações Étnico-Raciais e

Decolonialidades', vinculado à FEBAB. Compõe o quadro de integrantes do Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes e é membro do Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S².sat) vinculado ao Grupo de Pesquisa Ecce Liber (IBICT/UFRJ) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI/UFMG). Bolsista CAPES de Desenvolvimento Social (CAPES-DS).

priscila.fevrier@gmail.com

Nathália Lima Romeiro

Doutoranda em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ). Coordenadora do Selo Nyota, e integrante do Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes como membro do Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S².sat) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI/UFMG). Bolsista CAPES de Desenvolvimento Social (CAPES-DS).

ntromeiro91@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

Professora Adjunta do Departamento Organização e Tratamento da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Doutora em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (Unesp) - Campus Marília em regime de cotutela com a Universidade de Granada - Espanha, na qual recebeu o título de Doutora em Ciências Sociais. Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos. Bacharela em Biblioteconomia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (Unesp) Campus Marília. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI-UFMG).

apmeneses@gmail.com

Notas

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Código de Financiamento 001 - pela concessão de bolsas de doutoramento às pessoas autoras. À Fapesc – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina pela concessão de bolsa de pesquisa às pessoas autoras.

Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

Conflitos de interesses

Não.

Artigo submetido em: 28 nov. 2022.

Aceito em: 23 fev. 2023.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.